



Os rappers e o ‘rap consciência’: novos agentes e instrumentos na luta anti-racismo no Brasil na década de 1990

SALES AUGUSTO DOS SANTOS

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília

Pesquisador associado do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UnB

salesaugustodossantos@gmail.com

Resumo

Uma das mudanças que foi importante em termos de mobilização negra contra o racismo no Brasil na década de 1990 foi a reutilização da música, por meio do rap, como forma de denunciar e condenar a opressão racial brasileira. Neste artigo se verá como uma parte importante dos afro-brasileiros, os rappers, que até então não participava diretamente da luta anti-racista, passou a fazer coro com os movimentos sociais negros clássicos, engajando-se no combate contra o racismo, ao utilizar a sua música como instrumento de luta contra o racismo.

Palavras-chave: rap; rappers; anti-racismo; movimentos sociais negros.

Introdução

HÁ VÁRIOS TIPOS DE MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS e também vários tipos de luta contra o racismo na sociedade brasileira (Santos, 2007). Assim, por uma questão didática, designaremos movimentos sociais negros clássicos os movimentos sociais negros anteriores à década de 1990, para distingui-los das novas formas de movimentos sociais negros que emergiram no início dos anos 1990, tais como os cantores do Rap Consciência, as ONGs de cunho racial, os parlamentares negros e a militância negro-intelectual nas universidades, entre outras formas de luta contra o racismo e a desigualdade racial brasileira.

Conforme Santos (2007), a luta afro-brasileira clássica (os movimentos sociais negros clássicos) contra o racismo produziu outros frutos (ou agentes) de e para a própria militância e luta negra contra o racismo, que começaram a emergir especialmente na última década do século XX. Agentes e formas de luta que os próprios movimentos sociais negros clássicos passam a perceber e reconhecer como importantes para o fortalecimento das antigas organizações negras e, especialmente, para o crescimento da luta pelo fim do racismo e pela igualdade racial no Brasil. Conforme o documento da Marcha Contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida, realizada em 20 de novembro de 1995, pelos movimentos sociais negros brasileiros,

A temática racial, particularmente neste ano do Tricentenário de Zumbi, destaca-se de forma vigorosa no espaço brasileiro de discussão pública. 'Isto como fruto do crescimento, sem precedentes em nossa história, da luta contra o racismo'. Esta é uma das vitórias resultantes tanto do fortalecimento das organizações do movimento negro, quanto da multiplicação e interiorização das entidades. 'As novas formas de articulação e de expressão da militância' nos locais de trabalho, no campo, nos sindicatos, nos movimentos populares, partidos, universidades, parlamento, nas entidades religiosas, órgãos governamentais etc., 'vêm nos últimos anos acrescentando melhores armas no combate ao racismo'. Há de se destacar ainda, nessa empreitada, a emergência do movimento de mulheres negras, com fisionomia própria e caráter nacional, que duplamente luta contra a opressão racial e de gênero (Enmz, 1996, p. 9, grifo nosso).

O fato é que os movimentos sociais negros clássicos, mesmo com a sua retração, conforme Andrews (1991)¹, conseguiram disseminar direta e indiretamente uma consciência crítica ante as relações raciais brasileiras e as desigualdades entre negros e brancos. E isso ocorreu não somente entre uma parte dos afro-brasileiros em ascensão social, visto que esses sentiam (e ainda sentem) mais duramente o peso da discriminação racial (Andrews, 1998; Moura, 1994; Hasenbalg, 1979), mas também entre trabalhadores ou desempregados, estudantes, entre outros grupos sociais, que vivem especialmente nas grandes metrópoles brasileiras e, em especial, os que habitam suas periferias.

Dito de outra maneira, assim como o racismo é dinâmico, se renova e se reestrutura de acordo com a evolução ou transformação da sociedade e das conjunturas históricas (Munanga, 1994, p. 178), a luta contra o racismo também não é estática. Novos sujeitos e agentes sociais passam a combater o racismo, bem como novas formas de articulação e de expressão da militância negra emergem nesse período, ajudando a disseminar o discurso anti-racismo e pró-igualdade racial, como, por exemplo, os negros intelectuais, as ONGs de cunho racial, os parlamentares negros e os rappers do Rap Consciência, conforme demonstrou o sociólogo Santos (2007). É sobre estes últimos agentes anti-racistas, os rappers do Rap Consciência, e seu instrumento de luta anti-racismo, a música rap, que trata o presente artigo.

Rap e rappers: novos sujeitos e instrumentos do discurso anti-racismo

Uma das mudanças que foi importante em termos de mobilização negra contra o racismo no Brasil na década de 1990 foi a reutilização da música, por meio do rap, como forma de denunciar e condenar a opressão racial brasileira. Se, por um lado, o clamor e reivindicação de entidades negras como, por exemplo, o Movimento Negro Unificado (MNU), por igualdade racial de direito e de fato, nas décadas anteriores à década de 1990, não conseguiram sensibilizar efetivamente a esfera pública brasileira para a necessidade de incluir a questão racial na agenda nacional (Santos, 2007), por outro lado, e até mesmo em função disso, uma parte importante dos afro-brasileiros, que até então não participava diretamente da luta anti-racista, passou a fazer coro com os movimentos sociais negros clássicos, engajando-se no combate contra o racismo.

Jovens afro-brasileiros das periferias dos grandes centros urbanos, especialmente de São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Goiânia (Amorim, 1997), passaram a cantar/relatar, por meio de uma música reflexiva e extremamente crítica, as violências racial e social a que estão submetidos os moradores das periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, traduzindo-as em versos por meio de uma poesia extraordinariamente contundente, o rap.

Uma vez que os movimentos sociais negros clássicos não conseguiram conquistar aliados incondicionais na luta contra o racismo antes da década de 1990, ou seja, uma vez que os canais tradicionais de contestação e os participantes da esfera pública brasileira, como os partidos políticos, os sindicatos de trabalhadores e empresários, entre outros, se recusavam a incluir a questão racial na agenda nacional, e, mais do que isso, a propor soluções concretas e viáveis contra o racismo e a desigualdade racial, os setores mais oprimidos pela discriminação racial no Brasil insurgiram-se, por meio da música, entre outras formas de luta anti-racista, contra a estratégia ou consenso do silêncio no que tange à questão racial e apresentaram a música por meio do Rap como uma nova forma de luta negra ou dos movimentos sociais negros nos anos 1990. Assim, passaram a utilizar o rap como um veículo de comu-

¹ Em realidade, esta afirmação de Andrews (1991), do refluxo dos movimentos sociais negros, precisa ser verificada por meio de pesquisas mais amplas, mais complexas e mais sofisticadas. Há pelo menos uma informação que indica o crescimento das entidades dos movimentos sociais negros depois da década de 1980. Se a pesquisa realizada por Caetana Damasceno et al., entre os anos de 1986 e 1987, publicada no *Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil* (1988), demonstrou que havia 573 (quinhentos e setenta e três) entidades negras no Brasil, o professor Hélio Santos afirmou que "o banco de dados desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro (NEINB-USP) cadastrou mais de 1.300 (mil e trezentas) entidades do movimento negro, no qual se destacam as de cunho cultural, recreativo, religioso e político. Tais entidades, quando não atuam diretamente no enfrentamento das desigualdades raciais, operam na linha da resistência cultural, o que, indiretamente, reforça o conjunto da luta" (Santos, 2000, p. 70).

nicação e denúncia contra a discriminação de raça e de classe² no Brasil.

O grupo que mais se destacou nesse processo, em nível nacional, foi o Racionais MC's. Logo na introdução do disco *Raio X do Brasil*³, os Racionais afirmava que a liberdade de expressão, por meio da música, era um dos poucos direitos que o 'jovem negro' ainda tinha no Brasil. Conforme os Racionais,

Introdução ao CD *Raio X do Brasil*

1993

Fodidamente voltando

Racionais

Usando e abusando da nossa liberdade de expressão

Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país

Você está entrando no mundo da informação

Auto-conhecimento

Denúncia e diversão

Esse é o raio X do Brasil

Seja bem-vindo.

O 'raio X do Brasil', para os Racionais⁴, é uma denúncia contundente da opressão contra um dos

grupos sociais mais vulneráveis do país: os pobres das periferias dos grandes centros urbanos, que são majoritariamente afro-brasileiros ou, se quiser, negros. À primeira vista, os Racionais e demais grupos de Rap Consciência apresentam um discurso que literalmente prega a necessidade de os 'manos' recusarem todas as violências diárias que o 'sistema' (o centro do sistema) impõe à periferia. Em certo sentido, é um discurso moralizador, que condena o uso de drogas (incluindo o álcool), a 'treta', a malandragem, entre outras coisas destrutivas na e para a periferia. Como os próprios rappers afirmam, eles buscam passar 'uma mensagem positiva' para os 'manos'. Porém, é também um discurso constante de raça e classe, que estabelece uma recorrente oposição entre o mundo dos negros e o mundo dos brancos (Fernandes, 1972), entre pobres e ricos, periferia e centro. Portanto, se à primeira vista o discurso das letras expressa uma mensagem pacificadora ou, conforme afirma a antropóloga Amorim (1997, p. 106), os grupos de rap 'cantam a união e a paz em suas rimas', não podemos deixar de perceber que essa mensagem é pacifista internamente – para a própria periferia; mas é de contraposição e, simultaneamente, agressão ao sistema. Conforme as músicas abaixo⁵,

Fim de Semana no Parque

A toda comunidade pobre da Zona Sul

Chegou fim de semana todos querem diversão

Só alegria, nós estamos no verão

Mês de janeiro

São Paulo, Zona Sul

Todo mundo acordado, calor, céu azul

Eu quero aproveitar o sol

Encontrar uns camaradas pro basquetebol

Provavelmente correndo pra lá e pra cá

Jogando bola

Descalços nas ruas de terra

É, brincam do jeito que dá

Hey Boy

Hey boy, o que você está fazendo aqui

Meu bairro não é o seu lugar e você vai se ferir

Você não sabe onde está

E caiu num ninho de cobras

Eu acho que você vai ter que se explicar

Pra sair não vai ser fácil

A vida aqui é dura

Dura é a lei do mais forte

Onde a miséria não tem cura

E o remédio mais provável é a morte

Continuar vivo é uma batalha

Isso é

Se eu não cometer falhas

² Analisando as letras dos rappers brasileiros, ou melhor, daqueles que produzem o chamado Rap Consciência, percebe-se explicitamente um discurso de raça e classe. Rap Consciência, segundo a antropóloga Lara dos Santos Amorim, "trata-se do rap propriamente dito quando se diferenciou do funk, referindo-se mais especificamente aos conteúdos das letras que procuram denunciar a exclusão social e o racismo" (Amorim, 1997, p. 108). Neste artigo, enfatizaremos mais o discurso de raça, em função dos objetivos deste paper. Isso não implica negarmos o discurso classista, mas priorizarmos apenas o forte discurso racialista dos grupos de Rap Consciência, em face do racismo praticado contra os negros. Mais do que isso, não pretendemos fazer uma análise de discurso das letras. Faremos alguns poucos comentários sobre as letras e deixaremos que elas falem por si mesmas. Ou seja, que os interpretadores (nós) não coloquem palavras nas bocas dos interpretados. Porém, como afirma Pinho (2001) "isso não significa renúncia à responsabilidade interpretativa, mas em renunciar à pretensão elucidatória, que é em última instância a reprodução de um princípio de autoridade".

³ Lançado no final de 1993, "com festa de lançamento na quadra da Rosa de Ouro (escola de samba da cidade de São Paulo) com mais de 10.000 pessoas", segundo o próprio encarte do CD.

⁴ Este "raio X do Brasil" não é só para o Racionais, mas para praticamente todos os grupos de Rap Consciência.

⁵ As letras de rap são enormes e geralmente não constam dos encartes dos CDs.

Gritando palavrão. É do jeito deles
 Eles não têm videogames
 Às vezes nem televisão
 Mas todos eles contam com São Cosme e São Damião
 A única proteção
 No último natal
 Papel Noel escondeu um brinquedo prateado
 Brilhava no meio do mato
 Um menininho de dez anos achou um presente
 Era ferro com doze balas no pente
 E o fim-de-ano foi melhor pra muita gente
 Eles também gostariam de ter bicicleta
 De ver seu pai fazendo cooper, tipo atleta
 Gostam de ir ao parque e se divertir e se alguém os ensinasse a dirigir
 Mas eles são canibais e mesmo assim é um sonho
 Fim-de-semana no Parque Santo Antônio
 Fim-de-semana no Parque
 Olha só aquele clube que é da hora
 Olha aquela quadra
 Olha aquele campo, olha
 Olha quanta gente, tem sorveteria, cinema, piscina quente
 Olha quanto boy, olha quanta mina (afoga essa vaca dentro da piscina).
 Tem corrida de Kart, dá pra ver. É igualzinho ao que eu vi ontem na TV
 Olha só aquele clube que é da hora
 Olha só aquele pretinho vendo tudo do lado de fora
 Nem se lembra do dinheiro que tem que levar pro seu pai
 Bem louco gritando dentro de um bar
 Nem se lembra de ontem
 De onde o futuro
 Ele apenas sonha através do muro
 Milhares de casa amontoadas
 Ruas de terra
 Esse o morro
 A minha área me espera
 Gritaria na feira
 Vamos chegando
 Eu gosto disso: mais calor humano
 Na periferia a alegria é igual
 É quase meio-dia, a euforia é geral
 E lá que moram meus irmãos, meus amigos
 E a maioria por aqui se parece comigo
 E eu também sou o bam-bam-bam e o que manda
 E o pessoal desde as dez da manhã está no samba
 Preste atenção no repique, atenção no acorde
 “Como é que é Mano Brown?”
 A nº 1 em baixa renda da cidade, comunidade Zona Sul
 É dignidade
 Tem um corpo no escadão
 A tiazinha desce o morro
 Polícia: a morte. Polícia: Socorro!
 Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
 Pra moleca frequentar, nem um incentivo
 O investimento no lazer é muito escasso,

E se eu não fosse esperto tirariam tudo de mim
 Arrancavam minha pele, minha vida, enfim
 Tenho que me desdobrar pra não puxarem meu tapete
 Estar sempre quente
 Pra não ser surpreendido de repente
 Se eu vacilo
 Trancam minha vaga
 O que você fizer aqui mesmo você paga
 A pouca grana que eu tenho não dá pro próprio consumo
 A marginalidade cresce sem precedência
 Conforme o tempo passa, aumenta
 É a tendência
 E muitas vezes não tem jeito
 A solução é roubar
 E seus pais acham que a cadeia é o nosso lugar
 O sistema é a causa e nós somos a consequência maior
 da chamada violência
 Porque na real
 Com a nossa vida ninguém se importa
 E ainda querem que sejamos patriotas

Hey boy ...
 Isso tudo é verdade
 Mas não tenha dó de mim
 Porque esse é o meu lugar
 E eu o quero mesmo assim
 Mesmo sendo o lado esquecido da cidade
 E bode expiatório de toda e qualquer mediocridade
 A sociedade já não sabe o que fazer
 Se vão interferir ou deixar acontecer
 Mas por sermos todos pobres
 Os tachados somos nós
 Só por ser conveniente

Hey boy ...
 Pense bem se não faz sentido
 Se hoje em dia eu fosse um cara tão bem sucedido
 Como você é chamado de superior
 Tem todos na mão e tudo a seu favor
 Sempre teve tudo e não fez nada por ninguém
 Se as coisas andam mal é sua culpa também
 Seus pais dão as costas pra o mundo que os cerca
 Ficam com o maior, melhor, pra nós nada resta
 Você gasta fortuna se vestindo de etiqueta
 E na sarjeta crianças, futuros homens
 Quase não comem, morrem de fome
 Com frio e com medo, já não é segredo
 (inaudível) só me dê razão, não fale mais nada, que vai ser em vão

Hey boy ...
 Você faz parte daqueles que colaboram para que
 A vida de muitas pessoas seja tão ruim
 Acha que sozinha não vai mudar
 Mas é por muitos pensarem assim como você
 Que situação
 Vai de mal a pior

O centro comunitário é um fracasso
 Mas aí, se quiser se destruir está no lugar certo
 Tem bebida e cocaína sempre por perto
 A cada esquina
 100, 200 metros
 Nem sempre é bom ser esperto
 Shimdt, Ítalo Rossi, Dreher, Campari
 Pronúncia agradável, estrago imediato
 Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra m-a-t-a-r
 Como se fosse ontem, ainda me lembro
 Sete horas, Sábado, quatro de dezembro
 Uma bala, uma moto, com dois imbecis, mataram
 nosso mano que fazia o morro feliz
 E indiretamente ainda faz
 Mano Rogério, esteja em paz
 Vigiano lá de cima
 A molecada do Parque Regina
 Fim-de-semana no parque
 Tô cansado dessa porra!
 De toda essa bobagem
 Alcoolismo, vingança, treta, malandragem
 Mãe angustiada, filho problemático, famílias destruí-
 das, fim-de-semana trágico
 O sistema quer isso, a molecada tem que aprender
 Fim-de-semana no Parque Ipê
 Fim-de-semana no parque

E como sempre
 Você pensa em si só
 Só egoísmo, ambição e desprezo
 Serão os argumentos pra matar você mesmo
 Então eu digo

 Hey Boy ...
 Não fique surpreso se um ridículo e odioso
 Círculo vicioso
 Sistema que você faz parte me transformar num criminoso
 E doloroso será ser rejeitado, humilhado
 Considerado um marginal, discriminado
 Você vai saber, sentir na pele como dói
 Então aprenda a lição

Pensamos que o que mais chama a atenção nas letras de rap é verbalização de um discurso extremamente racializado, que, de um lado, demonstra a discriminação racial a que os negros estão sujeitos no dia-a-dia, e, de outro lado, constrói, reconstrói (entre os próprios rappers), desenvolve e dissemina uma consciência dessa discriminação e das desigualdades raciais que ela produz, de forma mais expressiva e expansiva (quicá mais eficiente entre as populações da periferia) que a realizada pelos movimentos sociais negros clássicos. Ou seja, o discurso racializado do rap é uma arma que atira simultaneamente no mito da democracia racial⁶ brasileira e no consenso ou estratégia do silêncio sobre a questão racial no país. Mais do que isso, é uma arma que atira da periferia contra o centro do sistema. Algo consciente e intencional. Conforme afirmam, respectivamente, KIJay e Mano Brown, componentes do grupo Racionais, “Nós somos os pretos mais perigosos do país e vamos mudar muita coisa por aqui. Há pouco ainda não tínhamos consciência disso” e “Eu não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista” (KIJay e Mano Brown *apud* ShowBizz, 1998).

A mudança afirmada acima por KIJay é a ‘voz ativa’ dos rappers contra o racismo e as desigualdades raciais brasileiras. Mais do que isso, é a quebra do monopólio branco sobre a representação do negro no Brasil (Bairros, 1996, p. 183). O que, segundo o nosso entendimento, é semelhante ao que os negros intelectuais estão tentando realizar no campo acadêmico por meio de uma ‘produção de conhecimento-pensamento ativo’, conforme pode-se verificar em Santos (2007). Com este, busca-se a descolonização do conhecimento científico, a autonomia intelectual, a proposição de políticas de promoção da igualdade racial, bem como a quebra do controle ou monopólio dos estudos e pesquisa sobre os negros com base em um ponto de vista dos intelectuais do ‘mundo dos brancos’, conforme expressão cunhada por Florestan Fernandes (1972). Algo “violentamente pacífico”, que “sabota o raciocínio” e “abala o sistema nervoso central” de produção do conhecimento acadêmico eurocentrado brasileiro. Algo que se expressa também nas letras das músicas dos grupos de rap, como em *Voz Ativa* e *Capítulo 4, Versículo 3*, entre outras.

⁶ Segundo o sociólogo Carlos Hasenbalg, “a noção de mito para qualificar a ‘democracia racial’ é aqui usada no sentido de ilusão ou engano e destina-se a apontar para a distância entre representação e realidade, a existência de preconceito, discriminação e desigualdades raciais e sua negação no plano discursivo” (Hasenbalg, 1996, p. 237). Noção que endossamos e utilizamos neste artigo como sinônimo de ideologia da democracia racial brasileira.

Voz Ativa

Eu algo tenho a dizer
 Explicar pra você
 Mas não garanto porém
 Que engraçado serei desta vez
 Para os manos daqui
 Para os manos de lá
 Se você se considera um negro
 Pra negro será
 Mano!
 Sei que problemas você tem demais
 E nem na rua não te deixam na sua
 Entre madame fudida
 E racistas fardados
 De cérebro atrofiado
 Não te deixam em paz
 Todos eles com medo generalizam demais
 Dizem que os negros todos são iguais
 Você concorda?
 Se acomoda então
 Não se incomoda em ver
 Mesmo sabendo que é foda
 Prefere não se envolver
 Finge não ser você
 Eu pergunto por que
 Você prefere que o outro vá se fuder?
 Não quero ser o Mandela
 Apenas dar o exemplo
 Não sei se você me entende
 Mas eu lamento que
 Eu não convivo com isso naturalmente
 Não proponho ódio
 Porém acho incrível
 Que o nosso compromisso esteja já nesse nível
 Mais
 Racionais
 Existente no que guarda flor dinamicamente
 Manter o sal
 Viva a sabedoria de rua
 O F mais expressiva
 A juventude negra agora tem voz ativa

Scrats

Precisamos de um líder de crédito popular
 Como Malcolm X em outros tempos foi na América
 Que seja negro até os ossos
 Um dos nossos
 E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destro-
 ços
 Nossos irmãos estão desnorreados
 Entre o prazer e o dinheiro
 Desorientados
 Brigando por quase nada
 Migalhas todas banais

Capítulo 4, Versículo 3

Introdução

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial;
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras;
Nas universidades brasileiras apenas dos alunos 2% são negros;
A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo;
Aqui quem fala é primo preto mais um sobrevivente.⁷

Minha intenção é ruim
 Esvazia o lugar
 Eu tô em cima
 Eu tô a fim
 Um, dois pra atirar
 Eu sou bem pior
 Do que você está vendo
 O preto aqui não tem dó!
 É 100%, Veneno!
 A primeira faz bum!
 A segunda faz bá!
 Eu tenho uma missão e não vou parar
 Meu estilo é pesado
 E faz tremer o chão
 Minha palavra vale um tiro
 Eu tenho muita munição
 Me aquieta na sessão
 Minha atitude vai além
 E tenho disposição pro mal e pro bem
 Talvez eu seja um sádico
 Ou anjo
 Um mágico
 Juiz ou réu
 Um bandido do céu
 Malandro ou otário
 Quase sanguinário
 Franco atirador
 Se for necessário
 Revolucionário
 Insano
 Ou marginal
 Antigo e moderno
 E mortal
 Fronteira do céu com o inferno
 Astral imprevisível
 Como um ataque cardíaco
Do verso, violentamente pacífico
Verídico
Vim pra sabotar seu raciocínio
Vim para abalar seu sistema nervoso e sangüíneo
Pra mim ainda é pouco⁸
 Dá cachorro louco
 Número ...

7 Grifo nosso.

8 Grifo nosso.

Prestigiando a mentira, as falas
Desinformados demais
Chega!
De festejar a desvantagem e permitir
Que desgastem nossa imagem
Descendente negro atual
Meu nome é Brown!
Não sou complexado então
Apenas racional
É a verdade!
Mas pura postura definitiva
A juventude negra agora tem voz ativa

Scrats...

Mais da metade do país é negra
E se esquece
Que tem acesso apenas ao resto do que ele oferece
Tão pouco pra tanta gente
Tanta gente
Tanta gente na mão de tão poucos
Pode crer!
Geração iludida
Uma massa falida
De informações distorcidas e distraídas na televisão
Fudidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

“Pô tô cansado de toda essa merda que eles mostram
na televisão todo dia mano
Não agüento mais
É foda mano!”

Mas onde estão
Meus semelhantes na tv
Nossos irmãos
Artista negro de atitude e expressão
Você se põe a perguntar por que?
Eu não sou racista
Mas meu ponto de vista
É que:
Esse é Brasil que eles querem que existe evoluído e
bonito
Mas sem negro no destaque!
Eles querem mostrar um país que não existe
Escondem na Taís
Milhões de negros assistem
Engraçado que de nós eles precisam
Nosso dinheiro eles nunca discriminam
Minha pergunta que fica
Desses artistas tão famosos
Qual você se identifica?
Então:
“Leci Brandão, Moises da Rocha, Thaíde e DJ Hum,
Ivo Meireles, Moleques de Rua e Tal, da Zona Leste
de São Paulo: grupo DNM”
Pode crer

Um guia
Terrorista da periferia
Uni duni tê
Um tenho pra você
Um Rap venenoso é uma rajada de PT
E a profecia se fez como previsto
O 997
Depois de cristo
A fúria negra ressuscita outra vez
Racionais, Capítulo 4, Versículo 3

Aleluia!
Aleluia!

Racionais

No ar
Filho da puta!
Pá, pá, pá!

Faz frio em São Paulo
Pra mim tá sempre bom
Eu tô na rua
De bobeto e moletom
Dim, dim, dom
Rap é o som
Semana no opala marrom
E aí?
Chamo Guilherme, chamo Bani, chamo Dio
E o Di, Marquinhos chama o Éder
Vamo aí
Se os outros manos vêm
Pela ordem tudo bem
Melhor
Quem é quem
No bilhar, no dominó
Rolou dois manos
Um acenou pra mim
De jaco de cetim
De tênis e calça jeans
Então sai fora e vai
Nem cola!
Nem vale a pena dar idéia neste tipo aí
Hoje à noite eu vi na beira do asfalto
Entregando à morte
Soprando a vida pro auto
Lá os caras
Só pó, pele e osso
No fundo do poço
E mais flagrante no bolso
Veja bem
Ninguém é mais que ninguém
Veja bem
Veja bem
E eles são nossos irmãos também
Mas de cocaína e crack
uísque e conhaque
quando morre rapidinho

É isso aí!
 Nossos irmãos estão desnorreados
 Entre o prazer e o dinheiro
 Desorientados
 Mulheres assumem a sua exploração
 Usando o termo mulata como profissão
 É mal!
 Modelos brancas no destaque
 As negras onde estão?
 Ham!
 (inaudível) no chão
 Em segundo plano
 Pouco original
 Mas comercial a cada ano
 O carnaval era a festa do povo
 Era!
 Mas alguns se venderam de novo
 Brancos em cima
 Negros em baixo
 Ainda é normal
 Natural
 Quatrocentos anos depois
 1992
 Tudo igual
 Bem-vindos ao Brasil colonial e tal
 Precisamos de nós negros
 A ser a questão
 DNM meus irmãos
 Escrevem com perfeição então!
 Gostamos de nós
 Brigamos por nós
 Acreditamos mais em nós independentes do que os
 outros façam
 Tenho orgulho de mim
 O Rap em ação
 Nós somos negros sim!
 De sangue e coração
 Mano Ice Blue me diz
 Isso é que nos motiva, a minha, a sua,
 A nossa Voz Ativa!
 Racionais!
 Racionais!
 Racionais!

 (scrats)

Sem lugar de destaque
 Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou que fuma?
 Nem dá!
 Nunca te dei porra nenhuma!
 Você fuma o que tem
 Entope o nariz
 Bebe tudo que vê
 Faça o diabo Feliz
 Você vai terminar tipo o outro mano lá
 Que era um “preto tipo A”
 Ninguém entrava numa
 Maior estilo
 De calça Calvin Klein, tênis Puma
 O jeito humilde de ser
 No toque e no rolê
 Curtia um funk
 Jogava uma bola
 Buscava a preta dele no portão da escola
 Um exemplo pra nós
 Maior moral
 Maior Ibope
 Mas começou colar com os branquinhos do shopping
 (Aí já era!)
 Ih mano, outra vida
 Outro pique
 Só mina de elite
 Balada, vários drinks
 Puta de boutique
 Toda aquela porra
 Sexo, sem limite
 Sodoma e gomorra
 Faz uns nove anos
 Bem uns quinze dias atrás eu vi o mano
 Cê tem que ver
 Pedindo cigarro
 Sozinho no ponto
 Dente tudo zuado
 Bolso sem nenhum conto
 O cara cheira mal
 Assim ... a sentir medo
 Muito louco de sei lá o quê
 Logo cedo
 Agora não oferece mais perigo
 Viciado, doente e fudido
 Inofensivo
 Um dia um PM negro veio me passar
 E disse pra eu me pôr no meu lugar
 Eu vejo mano nessas condições
 Não dá!
 Será, assim que eu deveria estar?
 Irmão o demônio fode tudo ao seu redor
 Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
 Te oferece dinheiro
 Conversa com calma
 Contamina seu caráter
 Rouba sua alma
 Depois te joga na merda sozinho

É
Somos “preto tipo A” meu neguinho!
Minha palavra alivia sua dor
Ilumina minha alma
Louvado seja o meu senhor
Que não deixa o mano aqui desandar
Rá!
E nem sentar o dedo em nenhum pilantra
Mas que nenhum filha da puta ignora minha lei
Racionais, Capítulo 4, Versículo 3

Aleluia!
Aleluia!

Racionais
No ar
Filho da puta!
Pá, pá, pá!

Quatro minutos se passaram e ninguém viu
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil
Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro e fode com a pele
Com sangue nos olhos
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
Ou o mano que vende chocolate de farol em farol
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal
Ou que procura vida nova na condicional
Alguém num quarto de madeira
Lendo à luz de vela
Ouvindo um rádio velho
No fundo de uma cela
Ou da família real
E negro como eu sou
O príncipe guerreiro que defende o gol
E eu não mudo
Mas eu não me iludo
Os manos cu de burro
Bem, eu sei de tudo
Em troca de dinheiro e um carro bom
Tem mano que rebola e usa até batom
Vários patrícios falam merda
Pra todo mundo rir
Rá, rá
Pra ver branquinho aplaudir
É, na sua área tem fulano até pior
Cada um, cada um
Você se sente só
Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério
Explode sua cara por um toca-fita velho

Plic, plau, plau, plau
E acabou!
Sem dó e sem dor!
Foda-se a sua cor
Limpa o sangue com a camisa
E manda se fuder
Você sabe por que, pra onde vai, pra que
Vai de bar em bar
De esquina em esquina
Pegar cinqüenta contos
Trocar por cocaína
Enfim o filme acabou pra você
A bala não é de festim
Aqui não tem dublê
Para os manos da Baixada Fluminense, da Ceilândia
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia
De Guaianeses
Nós temos sul de Santo Amaro
Ser um “preto tipo A” custa caro!
É foda!
Foda é assistir a propaganda e ver
Não dá pra ter, aquilo pra você
Play boy forjado
De brinco por trouxa
Roubado do carro na avenida Rebouças
Correntinha das moças
Madame de bolsa
Dinheiro
Não tive pai, não sou herdeiro
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real
A minha chance era pouca
Mas se eu fosse aquele moleque de toca
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
De quebrada, sem roupa
Você e sua mina
Um, dois nem me viu
Já sumi na neblina
Mas não
Permaneço vivo
Sendo a mística
27 anos, contrariando a estatística
Seu comercial de tv não me engana
Rã!
Eu não preciso de status nem fama
Seu carro e sua grana já não me seduz
E nem a sua puta de olhos azuis
Eu sou apenas um rapaz Latino-americano
Apoiado por mais de cinqüenta mil manos
Efeito colateral que o seu sistema fez!
Racionais Capítulo 4, Versículo 3.

O terror expressado no discurso de Mano Brown visaria à não-resignação dos negros. Mais do que isso, visaria à negação dos negros que os brancos quiseram criar e incutir-lhes. Este ‘terror’ corresponde,

também a uma percepção de que a pobreza tem cor; de que mesmo entre os pobres da periferia a cor/raça faz diferença. Trata-se de um discurso que, semelhante ou igual ao dos movimentos sociais negros

clássicos (Santos, 2007), tem como objetivo, entre outros, eliminar de uma vez por todas a ideologia da democracia racial até então amplamente difundida no Brasil, desconstruindo até mesmo o discurso acadêmico de uma parte significativa dos intelectuais brasileiros que afirma que o tratamento diferenciado entre brancos e negros se deve à distinção de classe e não de raça. Como afirmado na música *Racista Otário*, dos Racionais: “mas os ‘sociólogos’ preferem ser

imparciais e dizem ser financeiro nosso dilema. No entanto se analisarmos bem mais você descobre que negros e brancos parecem, mas não são iguais” (Grifo nosso). Enfim, o terror é um discurso que ajuda a quebrar a representação do branco sobre o negro, quer na vida diária, quer no mundo acadêmico. Este terror é em realidade o que confere auto-determinação aos negros. Conforme as músicas acima e esta abaixo,

Racista Otário

Racistas otários nos deixem em paz!
 Pois as famílias pobres não agüentam mais
 Pois todos sabem
 E elas temem
 A indiferença por gente carente que se tem
 E eles vêm
 Com toda autoridade e preconceito eterno
 E de repente o nosso espaço se transforma
 Num verdadeiro inferno
 E reclamar direitos de que forma
 Se somos meros cidadãos
 E eles o sistema
 E a nossa desinformação, nosso maior problema
 Mas mesmo assim,
 Enfim,
 Queremos ser iguais
 Racistas otários nos deixem em paz!
 Justiça
 Em nome disso eles são pagos
 Mas a noção que se tem
 É limitada
 E eu sei
 Que a lei é implacável com os oprimidos
 Tornam bandidos os que eram pessoas de bem
 Pois já é tão claro que é mais fácil dizer
 Que eles são os certos
 E o culpado é você
 Se existe ou não a culpa
 Ninguém se preocupa
 Em todo caso haverá sempre uma desculpa
 O abuso é demais
 Pra eles tanto faz
 Não passará de simples fotos nos jornais
 Com gente negra e carente
 Não muito influente e pouco freqüente nas colunas
 sociais
 Então eu digo
 Meu rapaz
 Esteja constante

Ou abrirão o seu bolso
 E jogarão flagrante
 Num presídio qualquer
 Será um irmão a mais
 Racistas otários nos deixem em paz!
 Pois a lei é sempre mal interpretada
 Então a velha estória outra vez se repete
 Um sistema falido
 Como marionetes
 Nós somos movidos
 E há muito tempo tem sido assim
 Nos empurram à incerteza
 E ao crime enfim
 Porque, aí sim
 Certamente estão se preparando
 Com carros e armas nos esperando
 Os poderosos bem seguros
 Observando o rotineiro holocausto urbano
 O sistema é racista, Cruel!
 Levam cada vez mais
 Irmãos aos bancos dos réus

Mas os sociólogos preferem ser imparciais

E dizem ser financeiro nosso dilema

Mas se analisarmos bem mais

Você descobre

Que negros e brancos parecem

Mas não são iguais⁹

Crianças vão nascendo em condições bem precárias

Se desenvolvendo sem a paz necessária

São filhos de pais sofridos

Por esse mesmo motivo

O nível de informação é um tanto reduzido

Não!

É um absurdo!

São pessoas assim

Que se fodem em tudo

E que no dia-a-dia vive tão insegura

E sofre as covardias

Humilhações, torturas

A conclusão é sua: KlJay

Se julgam homens da lei
 Mas a respeito eu não sei
 Porém, direi para você irmãos
 Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
 O preconceito e o desprezo ainda são iguais
 Nós somos negros
 Também temos nossos ideais
 Racistas otários nos deixem em paz!
 Os poderosos são covardes
 Desleais
 Estão com medo nas ruas
 Por motivos banais
 E nossos ancestrais por igualdade lutaram
 Se rebelaram!
 Morreram!
 E hoje, o que fazemos?
 Assistimos a tudo de braços cruzados
 Até parece que nem somos nós os prejudicados
 Enquanto você sossegado foge da questão
 Eles circulam na rua com uma descrição
 Que é parecida com a sua

Cabelo, cor, feição
 Será que eles vêem em nós o marginal padrão?
 Cinquenta anos
 Agora se completam da lei anti-racismo na Constitui-
 ção
 Infalível na teoria
 Inútil no dia-a-dia
 Então que foda-se eles com a sua demagogia
 No meu país o preconceito é eficaz
 Te cumprimentam na frente
 Te dão um tiro por trás!

O Brasil é um país de clima tropical
 Onde as raças se misturam naturalmente
 E não há preconceito racial
Rah, rah, rah, rah, rah...
Rah, rah, rah, rah, rah...
Rah, rah, rah, ...

Mas os motivos pra lutar ainda são os mesmos
 O preconceito e o desprezo ainda são iguais
 Nós somos negros
 Também temos nossos ideais
 Racistas otários nos deixem em paz!

Evidentemente, esta é uma visão de mundo de apenas um grupo de Rap Consciência do Brasil. No entanto é a visão de mundo do grupo que se tornou a referência nacional não só para os 'manos' que 'estão ligados' ao rap, mas também para outros grupos de rap, que, por sua vez, são profundamente influenciados pelo grupo os Racionais. Essa visão de mundo está sendo amplamente divulgada entre os próprios rappers, entre os grupos sociais que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos do país e entre alguns setores da classe média brasileira, uma vez que até junho de 1998 o Racionais havia vendido mais de 250 mil cópias do seu terceiro CD (*Raio X do Brasil*) e mais de 500 mil do seu quarto CD (*Sobrevivendo no Inferno*), sem nenhuma divulgação pela mídia televisiva de grande porte¹⁰ e sem estar ligado às grandes gravadoras nacionais ou transnacionais (Caros Amigos, 1998a, 1998; ShowBizz, 1998).

Por outro lado, nem todos os grupos de rap com prestígio nacional concordam completamente com a postura ideológica dos Racionais. Para o GOG, grupo da cidade de Brasília, capital do Brasil, a questão racial não é o tema central em suas 'crônicas da periferia', que têm como foco central a denúncia da opressão

social a que estão submetidos os grupos sociais vulneráveis da periferia, os pobres em geral. Entretanto, Gog, líder do grupo de mesmo nome, reconhece que é "lógico que os negros no Brasil têm muito mais problemas". Não obstante, afirma que na periferia "a bala na cabeça é tanto pro preto quanto pro branco" (Gog *apud* Caros Amigos, 1998, p. 21).

Porém, mesmo entre os grupos de rap de prestígio que divergem ideologicamente da postura dos Racionais quanto ao discurso racialista predominante nas letras dos Racionais, o discurso de raça e classe também é inevitável e, conseqüentemente, recorrente em suas rimas denunciadoras da opressão, como se percebe na música "Brasil com P", do grupo GOG.

Brasil com "P"

Pesquisa publicada prova

**Preferencialmente preto, pobre, prostituta para a polícia prender
 Pare, pense, por quê?**¹¹

Prossigo,

Pelas periferias praticam perversidades,

¹⁰ Vale a pena registrar aqui a relação dos Racionais com a grande mídia televisiva, ante a visão deste grupo de rap de que a mídia televisiva é uma das grandes forças que sustentam o sistema que discrimina e oprime negros e pobres. Isto é, o poder central. Conforme a revista ShowBizz (1998, p. 29), "Televisão, nem pensar. Momentos antes de uma entrevista coletiva, em dezembro de 1997, eles (os componentes dos Racionais) gentilmente pediram aos repórteres da Globo e do SBT que se retirassem". A TV Globo é a principal rede de televisão aberta do Brasil até a presente data e o SBT, na época, era a segunda mais importante.

¹¹ Grifo nosso.

PMs.
 Pelos palanques políticos prometem, prometem ...
 Pura palhaçada
 Em proveito próprio.
 Praia, programas, piscinas, palmas.
 Para periferia: pânico, pólvora, pá, pá, pá ...
 Primeira página,
 Preço pago,
 Pescoço, peito, pulmões perfurados
 Parece pouco?!?
 Pedro Paulo
 Profissão: Pedreiro
 Passa-tempo predileto: Pandeiro
 Preso portando pó
 Passou pelos piores pesadelos
 Presídios, porões, problemas pessoais, psicológicos
 Perdeu parceiros, passado, presente, pais, parentes,
 principais pertences
 PC! Político privilegiado preso
 Parecia piada!
 Pagou propina pro plantão policial, passou pela porta
 principal
 Posso parecer psicopata
 E vou para a perseguição
 Prevejo populares portando pistolas
 Pronunciando palavrões
 Promotores públicos pedindo prisões
 Pecado, pena, prisão perpétua
 Palavras pronunciadas, pelo poeta irmão.

Mesmo que, de um lado, a denúncia do racismo e, de outro lado, a tentativa de construção de uma identidade racial não sejam tão enfatizadas no Rap produzido em Brasília quanto são no rap de São Paulo, conforme nos demonstra a pesquisadora Lara Amorim (1997), elas também fazem parte do repertório musical dos rappers brasilienses, conforme se pode observar na música *Sub-Raça*, do extinto grupo de rap brasiliense, o Câmbio Negro.

Sub-Raça

Agora irmãos vou a falar a verdade
 A crueldade que fazem com a gente,
 Só por nossa cor ser diferente.
 Somos constantemente assediados pelo racismo cruel,
 Bem pior que fel, é o amargo de engolir um “sapo”,
 Só por ser preto, isso é fato.
 O valor da própria cor,
 Não se aprende em faculdades ou colégios,
 Que ser negro nunca foi um defeito,
 Será sempre privilégio.
 Privilégio de pertencer a uma raça

Que com o próprio sangue construiu o Brasil...

Sub-raça, é a puta que o pariu!!!
 Sub-raça, é a puta que o pariu!!!
 Sub-raça, é a puta que o pariu!!!
 Sub-raça, é a puta que o pariu!!!

Sub-raça sim é como nos chamam aqueles que não
 respeitam as caras,
 Dos filhos, dos pais, dos ancestrais deles,
 Não sabem que seu bisavô, como eu, era escuro,
 E obscuro será seu futuro se não agir direito,
 Talvez ser encontrado em um esgoto da Ceilândia
 com três tiros no peito.
 O papo é esse “mermo” a realidade é “foda”
 Não dê um bote mal dado se não Câmbio te “bola”,
 Fique esperto racista se “liga na fita”,
 Somos “animais” “mermo” se “foda” quem não acredita.

Sub-raça, é a puta que o pariu!!!
 Sub-raça, é a puta que o pariu!!!
 Sub-raça, é a puta que o pariu!!!
 Sub-raça, é a puta que o pariu!!!

É a puta que o pariu! Pode Crer!
 É a puta que o pariu! Pode Crer!
 É a puta que o pariu! Pode Crer!

Como se pode perceber, a luta afro-brasileira contra o racismo, por meio do rap, concentra-se basicamente na denúncia do racismo contra os negros, e, especialmente, na negação de uma suposta democracia racial real ou substantiva no Brasil. Nota-se, também, que essa luta é realizada por grupos que não têm ‘organicidade’. Isto é, estes grupos são uma nova forma de mobilização anti-racista, mas não são estruturados como entidades negras clássicas e nem têm a mesma forma de atuação destas últimas, nem das ONGs de cunho racial. Eles instrumentalizam a música para denunciar o racismo contra os afro-brasileiros. É uma forma de luta difusa, que não carece de um grupo de militantes anti-racismo organizado formalmente por meio de instituições ou de reuniões (semanais ou mensais) ordinárias e extraordinárias, visando a discutir e deliberar sobre a questão racial ou mesmo estabelecer relações/interações com o Estado brasileiro para combater o racismo no país. Carece menos ainda de líderes orgânicos que se vêem e são vistos/reconhecidos como líderes e representantes políticos dos afro-brasileiros¹².

Ao contrário dos movimentos sociais negros clássicos, que sempre tentaram conquistar um lugar no espaço público, os músicos do Rap Consciência não parecem ter esse propósito. Eles estão à margem e falam, ou melhor, cantam posicionados da margem (ou da pe-

¹² Pelo menos da mesma forma como os líderes dos movimentos sociais negros clássicos.

riferia) contra o centro do sistema. Ao que tudo indica, esta nova forma de luta afro-brasileira, em termos de discurso, não busca a negociação da questão racial no espaço público. Querem o fim da opressão racial, que o centro do poder, por meio do racismo e outros tipos de violência, tem imposto à margem. Conseqüentemente, pregam a união interna entre os membros da periferia e a agressão ao poder central do sistema, como forma de defesa. Dessa forma, eles contribuem de uma maneira bem particular na luta anti-racismo dos movimentos sociais negros, embora não se pareça com nenhuma das formas de luta negra descritas em Santos (2007).

Conclusão

Assim, considerando-se as formas de luta afro-brasileira no pós-abolição, podemos perceber que elas vêm não somente se ampliando e ampliando suas conquistas, mas também vêm apresentando novas nuances a ponto de, nesse momento, já podermos falar em lutas afro-brasileiras no plural. Todas elas a cumpriram um de-

terminado papel, nem mais nem menos importante, no combate ao racismo. Mais do que isso, todas as formas de luta contra o racismo quer por meio dos movimentos sociais negros clássicos, de ONGs negras, parlamentares negros, negros intelectuais (Santos, 2007), quer por meio dos rappers e do Rap Consciência que vimos neste artigo, entre outras formas, vêm contribuindo para negar o discurso do branco sobre o negro ou para “quebrar o monopólio branco sobre a representação do negro no Brasil” (Bairros, 1996); monopólio que historicamente vinha colocando as lutas e as reivindicações dos afro-brasileiros à margem do espaço público.

Portanto, a atuação de novos agentes sociais anti-racismo, como os parlamentares negros engajados na luta anti-racismo, as ONGs de cunho racial, os negros intelectuais (Santos, 2007), os rappers e seu instrumento de luta, qual seja, o Rap Consciência, entre outros, associada à luta histórica dos movimentos sociais negros clássicos, não só colocaram a discussão da questão racial na agenda política e/ou pública brasileira (Santos, 2007), mas também consolidaram como ponto de pauta nesta agenda a histórica reivindicação dos movimentos sociais negros por igualdade formal e substantiva para a população negra brasileira.

Referências

- AMORIM, Lara Santos de. *Cenas de uma revolta urbana: Movimento hip hop na periferia de Brasília*. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília/Departamento de Antropologia (DAN), Brasília, 1997.
- ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru/São Paulo: Edusc, 1998.
- _____. O protesto político negro em São Paulo – 1888 – 1998. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 21, p. 27-48, dez. de 1991.
- BAIROS, Luiza. Orfeu e Poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. *Afro-Ásia*, v. 17, p. 173-186, 1996.
- DAMASCENO, Caetana de [et al] (Orgs.). *Catálogo de Entidades de Movimento Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1988.
- CAROS AMIGOS. Ed. n. 3, Setembro/1998.
- EXECUTIVA NACIONAL DA MARCHA ZUMBI (ENMZ). *Por uma política nacional de combate ao racismo e à desigualdade racial: Marcha Zumbi contra o racismo, pela cidadania e vida*. Brasília: Cultura Gráfica e Editora, 1996.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- HASENBALG, Carlos A. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.
- _____. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MOURA, Clóvis. *A dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Editora Anita, 1994.
- MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris. *A cidadania em construção*. Uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortes, 1994.
- PINHO, Osmundo de Araújo. Revolução afrodescendente do século XXI. *Tempo e Presença*. v. 319, p. 17-20, set. de 2001.
- SANTOS, Hélio. Uma avaliação do combate às desigualdades raciais no Brasil. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. *Tirando a Máscara*. Ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SANTOS, Sales Augusto dos. *Movimentos negros, educação e ação afirmativa*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Brasília: UnB, jun. de 2007.
- SHOWBIZZ, Ed. 155, jun. 1998.
- CÂMBIO NEGRO. *Sub-Raça*. Discovery, 1998.
- GOG. *CPI da Favela*. Zâmbia Fonográfica, 2000.
- RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*. Cosa Nostra Fonográfica, 1997.
- _____. *Raio X do Brasil*. Zimbabwe Records, 1993.

Discografia

The Rappers and the 'Conscious Rap': New Agents and Instruments in the Struggle against Racism in 1990's Brazil

Abstract

An important change for black people mobilization against racism in Brazil in the 1990s was the re-utilization of music, by means of rap music, as a way to denounce and condemn Brazilian racial oppression. In this article, I intend to show how an important part of Afro-Brazilians rappers, who, until then, did not directly participate in the struggle against racism, have now started to fight racism together with classical black social movements, using their music as an instrument against racism.

Key words: Rap; rappers; struggle against racism; Black Social Movements.

Data de recebimento do artigo: 19-05-2008

Data de aprovação do artigo: 28-08-2008